

Opérola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas*—

Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»—Ovar

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Belle

DIRECTOR Charadístico—Manoel D. Silva

REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes

ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

EXPEDIENTE

A's pessoas a quem pela primeira vez enviamos hoje o nosso jornal, rogamos a fineza de não o devolverem caso nos não queiram honrar com a sua assignatura.

Creanças

Nada conheço, n'este mundo, que mais alegre o coração do homem, do que o sorriso innocente de uma creança gentil.

Nada conheço, n'este mundo, que mais entereça, que mais sensibilise o coração do homem, do que o deslizar silencioso de uma lagrima, pendida de olhos infantis.

No sorriso brinca o feiticeiro raio de um sol abençoado; na lagrima reflecte-se, doridamente, a imagem da tristeza.

Que dois sentimentos oppostos! que dois cantos tao diversos de um mesmo poema!

As creanças são as flores de um jardim celesste; exhalam perfumes de um odor divino.

São os fructos da arvore bendita do amor.

São o arco-iris da alliança nupcial.

Quando se escondem n'um pequenino caixão, alcatifado de urios e rosas, desce do céu uma luz mysteriosa, que vem encher-o de scintillações divinas.

As flores rescendem per-

fumes mais olorosos; as estrellas scintillam com mais brilho.

Quando a creança fecha os olhos á luz da terra, rasga-se no firmamento azul um doirado docél, onde ella vae receber das mãos de Deus, o pae amoroso das creancinhas, o premio de sua peregrinação terrestre.

Não ha musica, por mais dolente que seja, que se compare ao sorriso argentino de uns labios infantis.

Não ha perfume de flor, por mais odorifera que seja, que se compare ao habito embalsamado da bôca pequenina e breve de uma creança gentil.

Não ha raio de luz, por mais avelludada que seja, que se compare ao olhar docemente melancolico de uma creancinha feiticeira.

Creanças! filhas de minha alma, quando voltardes á patria celesste, pedi a Deus para aquelle que vos ama a benção que santifica, a benção que lava as culpas de um coração peccador!

Deus é tão bom! Creio, portanto, no valor de vossas preces.

Christo perdoando, como perdoou a mulher adultera, mostrou que todos devem confiar na misericordia infinita de Deus.

Deus é tão bom! Porque não me ha-de perdoar?

Não é o perdão um raio de luz divina?

São bem felizes os que se abrigam á sombra da cruz, o symbolo sacrosanto da redempção da humanidade, chorando de arrependimento aos pés do Divino Mestre.

Frederico Lisboa.

Por ti

Fui crente. Sorri á vida
Que então me parecia bella;
Tive no seio amores,
No ceu por guia uma estrella.

Essa estrella brilhante
Eram os olhos teus...
— Então per ti fui crente,
Por ti bem disse os ceus.

Tempo porém passou
E d'aquella creança
Que a vida te votou,
Nem uma só lembrança
No peito te ficou!...

Fizeste-me crêr; eu cri,
Mas em ti só, loucamente.
— Por ti adorei a vida
— Por ti me tornei descrente!...

Hebrêa.

Amor no campo

(Ao gentil poeta Oscar d'Alvazil)

I

A formosa aldeia de *** situada ao sul d'esta cidade, é, pela sua belleza e encanto, um lugar delicioso e ameno.

Semelhando um enorme ramallete am collocado pela artistica natureza, enfeita-se com o matiz d'uma quantidade variadissima de flores, onde o nosso olhar a cada passo se extasia, contemplando as bellezas que só Deus sabe formar com o seu immense poder.

Fui ahi nascida.
Em tempos da minha mocida-

de conheci uma formosa e esbelta moça, cheia de encantos, que pela sua alegre desenvoltura se havia tornado a rainha dos bailes campestres e esfolhadas, onde fazia ouvir a meiga e bem timbrada voz em cantares ao desafio.

Neuhuma outra a vencia em harmonia e vocação poetica, e os rapazes do sitio, desejavam á porfia ser seu par n'essas danças d'aldeia, tão chelas de encanto e simplicidade e sem esse tom cerimonioso e ridiculo das quadrilhas, ou da languidez insulsa das valsas, ou ainda da infrene correria dos galopes dos nossos salões da burguezia cidadôa.

Florinda, que assim se chamava a gentil rapariga, fazia morrer d'inveja as rosas mais formosas dos jardins com a côr e frescura das suas faces avelludadas; e os trigaes dos campos impallideceriam até, quando fizessem o confronto da sua côr com a do seu magnifico cabello brilhante e opulento.

Orphã de pae, vivia em companhia da mãe, uma santa mulher que adorava os filhos, especializando a sua Florinda, como ella lhe chamavana ingenuidade do seu amor.

Entre os pretendentes á sua mão, e bem ricos e abastados lavradores, escolheu ella o mais modesto o mais pobre: um simples artista mechanico. E amou-o com toda a alma, com toda a intensidade do seu innocente coração, sendo correspondida n'esse affecto pelo Antonio, o terno amante preferido, que não via em sua louca paixão outra rapariga que se lhe podesse semelhar.

Impedia-os, porém, de ser felizes a mais miseravel das razões do mundo: a falta de meios. Ambos eram pobres e o casamento, o estabelecimento do casal, obrigava-os a despezas com que não podiam.

— Vou ao Brazil — disse-lhe elle um dia a meio dos seus queixumes amorosos.

Só ahi, talvez, poderei encontrar o que aqui nos falta.

A Perola

Sê fiel aos nossos juramentos, pensa muito em mim, que em breve voltarei contente para o teu lado. Queres esperar pela minha volta?

A desolada moça apenas lhe ponde responder soluçando.

E Antonio embarcou, recebendo ainda uma vez, ao despedir-se d'ella, ao fundo da estrada a promessa solemne de que nunca o seu coração palpitaria por outro homem, em quanto Deus lhe permitisse viver n'este mundo, que se lhe ia tornar, na sua ausencia, um deserto sem fim.

II

Decorreram mezes, e a infeliz Florinda passava uma vida cruciante, de torturas sem nome, pensando no eleito do seu coração, cujo destino não conhecia por falta de noticias.

Uma tarde, em que mais triste que o costume, ella fitava a estrada por onde o vira desaparecer, ao longe, viu correr para ella uma mulher com os braços abertos, n'um choro convulso de desespero.

Conheceu a mãe do seu noivo.

— Que tem senhora? — perguntou ella afflicta, n'um nervoso abraço d'ancia terrivel.

— Aj, Florinda! Que infelicidade! Perdi o meu filho, e tu o mais dedicado amante.

— O que?... O Antonio...

— O meu Antonio morreu... não mais o voltaremos a ver!

III

A minha querida aldeia, desde esse momento, não mais conheceu a graciosa, a gentil, a fresca moça, a quem Deus fadara para ser a mais desgraçada creatura.

Ninguém mais lhe ouviu o som da sua voz argentina. As faces perderam o frescor, os labios o sorriso, os olhos a expressão, em menos de dois mezes, a encantadora Florinda formou-se a sombra de si mesma.

Foram inuteis todos os esforços para a reanimar. As consolações, as lagrimas, os pedidos de sua desconsolada mãe; as meiguices, os sorrisos, as caricias dos irmãos, tudo se perdeu, tudo se tornou inutil perante a sua dor inconsolavel.

E uma noite... quando Florinda, doente de cama havia trez dias, velada por sua mãe, acordava d'um somno illusorio, que chegou a incutir esperança a todos que a amavam, estendeu os braços n'uma expressão indissolvel de afflicção, e murmurou n'um sópro, que foi o ultimo dos seus tão pallidos labios de soffrimento:

— Meu Antonio... fui eu que me reuji a ti...

Porto 910.

Orchidea.

MOTE

Esqueço tudo quanto a terra tem
De mal, de bem, de regosijo e dôr,
Deixára ao mundo a ambição que arrasta
A mim sô basta, teu feliz amor!

Gloza

Por ti, amor, meu terno é doce enlevo,
Puro affecto, e adorado bem,
Encanto só de toda a minha vida,
Esqueço tudo quanto a terra tem

Despida a vida, de ventura e graça,
Seria a minha, sem o teu amor,
Ao mundo eu deixo, tudo quanto existe
De mal, de bem, de regosijo e dôr.

P'ra ser feliz, para e eu ser ditosa,
Meu querido bem, o teu amor me basta;
Por ti, meu querido engeitaria tudo,
Deixára ao mundo a ambição que arrasta.

Toda a ternura que meu peito encerra
É toda tua, d'ella és sô senhor,
P'ra ser no mundo o ente mais ditoso
A mim sô basta, teu feliz amor.

Porto 910.

Orchidea.

Orações d'Amor

V

Em silencio, altas horas, a minh'alma
Resa a Deus pela tua F'licidade,
A esse Deus cruel e sanguinario
Que deu a cada ser a sua cruz,
Que impoz a cada ser o seu fadario

Em silencio, altas horas, a minh'alma
Resa a Deus pela tua F'licidade.
— Parece que as estrellas tambem resam
Sob o azul da imensidade.

E, olhando ao alto, eu sinto que repetem,
Devotas, n'um murmurio, lento e lento,
Essa oração d'amor e de desejo
Que, para ti, me vem do coração
N'um murmurio d'um beijo.

E, olhando ao alto, eu sinto que a repetem
Devotas, n'um murmurio, lento e lento...
— As nuvens tomam formas caprichosas
Sob o azul do firmamento.

Coimbra, Janeiro de 910.

Fernandes d'Almeida.

Pôr de Sol

—*—

O tio Joaquim, aquelle bom velhinho de cabeça branca que todos conhecem e amam na aldeia, volta do campo agora á hora do sol posto com a enxada ao hombro, cantarolando...

E' a hora suavissima das trindades, desfazem-se no ar fumos longinuos de herdades; tudo é paz e serenidade.

Sôam ao longe, melancholicamente, na torre do povoado, as Ave-Marias.

A alma pura do tio Joaquim eleva-se n'uma prece e, descobrindo a sua cabeça de neve, vae seguindo a rezar pela tortuosa vereda aberta na relva verde e enflorada.

Debruçam-se as arvores á beira do caminho e, por entre os seus frondosos ramos, buscam os passarinhos o seu abrigo, de mansinho, como para não perturbar a immensa paz das cousas...

Subito, uma risada sonora estala-lhe ao ouvido. O tio Joaquim volta-se curiosamente, procura por entre as montas e... dá com elles—uns noivos felizes que alegremente se beijam. E elles, surpresos, ao vel-o, baixam os olhos confusos, envergonhados como criminosos á espera do castigo.

Mas o bom velhinho, indulgente, olha-os, sorri-se e, sem dizer uma palavra, passa adiante e vae seguindo, cabisbaixo, a pensar, evocando a lembrança do passado...

Já não canta; e com a manga da camisa grossa limpa os olhos, que se inundam de lagrimas.

No horisonte o sol despede os seus ultimos raios...

Como são tristes todos os accasos!...

Raymundo Guimarães.

DUELLO

—*—

Um dos adversarios é tocado.

Todos se precepitam, golpe mortal...

— Nada, nada. Conforme praxes do duello entre periodistas, pozeram rolhas nas pontas dos floretes.

— ?!

— Não vê que a questão começou por bebe-

deira, e é natural que no desfecho entrem as ro-lhas, que vem a ser o que resta das garrafas.

Fialho d'Almeida.

INSTANTANEÓ

Encantam-me as violetas
Que symbolisam tristeza.
—Tristeza porque são pretas
—Encanto na singeleza.

Lina de Castro.

Consciencia à prova... de casaca

(Historia authentica)

Um fidalgo de provincia, grande amador de caça, gostava muito de reunir em sua casa os seus amigos e conversar com elles em assumptos venatorios, mas, como aliás quasi todos os caçadores, quando se punha a contar as suas proezas, inventava cada *peça* que era mesmo de arripiar os cabellos.

Tinha o fidalgo um escudeiro que o acompanhava para toda a parte e todas as vezes que, para melhor fazer acreditar as suas historietas, precisava de invocar o testemunho d'alguem, voltava-se para o criado e perguntava:

— Não é verdade, José?

O pobre homem encolhia-se, torcia-se, mas lá ia dizendo que sim, até que um dia declarou ao patrão que não se prestava mais a coadjuval-o nas suas mentiras e que se despedia do seu serviço. Insistiu o fidalgo para que ficasse e, para o convencer, deu-lhe uma casaca que o escudeiro já ha muito ambicionava:

— Aqui tens esta casaca, disse-lhe, faço-te presente d'ella, mas não te vás embora e, todas as vezes que eu te perguntar se qual-quer cousa é ou não verdade, tu dize sempre que sim. Agora vê lá o que fazes. Isso pouco te custa.

No dia seguinte jantavam alguns amigos em casa do caçador e, segundo o costume, não tardou que este começasse a desfiar o seu rosario de phantasias, n'esse dia mais inverosimeis ainda, porque contava com a condescendencia do creado que ostentava a sua bella casaca de botões amarelltos.

A certo ponto, porém, a causa tornava-se tão escandalosa que ainda o fidalgo não tinha acabado a sua historia, e já o escudeiro despia precipitadamente a casaca e a entregava ao patrão, dizendo:

— Isso agora é demais! Tome lá a casaca, senhor, mas não me pergunte mais nada, faça favor.

Tello Beirão

DUO D'AMOR

Alberto e mais Leonor,
Dois formosos namorados,
Suavemente enlaçados
Fallavam do seu amor.

— Eu amo-te como a Deus,
Diz Leonor com paixão,
E' teu este coração,
Juro-o pelos altos céos

Falla Alberto com doçura
Dizendo assim:—Minha querida,
Se acabasse a minha Vida
Sentirias amargura?

— Não sendo o meu peito ingrato,
Se morresses, meu amor,
Eu soffreria igual dor
Como se fosse o meu gato.

El-Mano.

O teu cabelo

(Charles Baudelaire)

Deixa-me aspirar indif-nidamente a fragrancia de teus cabellos e n'elles mergulhar meu rosto, como um homem sequioso na agua d'uma fonte, e agital-os com as mãos, lembrando um lenço aromatisado a sacadir saudades pelo ar.

Se tu pudesses saber tudo o que eu contemplo, tudo o que eu ouço, tudo o que eu sinto em teus cabellos! Min-h'alma vagueia sobre o seu perfume como a alma dos outros homens sobre a musica.

Teus cabellos encerram uma visão perfeita de mastros e de velas, de vastos mares cujas correntes me conduzem a regiões feericas,

onde o espaço é mais azul e mais profundo, e onde a atmospheria exhala o odor dos fructos, das folhas e da pelle humana.

No oceano de tua cabel-leira entrevejo um porto cheio de homens vigorosos de todos os paizes que cantam barcarólas melancholicas, e navios de todas as formas destacando seus prefis finos e bizarros sob um largo firmamento de eterna calma-ria.

Nas caricias de tua cabel-leira encontro a indolencia de longas horas passadas n'um divan, na camara de um bello navio embalado pela ondulação serena do porto, entre amphoras de flores e cyatos de refrescos.

No hemispherio de tua ca-belleira aspiro a essencia do tabaco, mesclada com a do opio e a do assucar; na noite de tuas madeixas vejo rutilar o infinito do azul tropical, e nos fios velludosos de teus cabellos embriago-me com os effluvios do alca-trão, do almiscar e do oleo de côco.

Deixa-me morder indef-nidamente tuas tranças es-pessas e negras. Quando mor-do teus cabellos elasticos e rebeldes, creio viver de sau-dades...

Souza Pinto.

Postaes masculinos

Sem amor, a vida se-ria um gemido, come-çando no berço e termi-nando no tumulo.

Antonio Ramos.

A alguem

E' esta vida um mar; e n'este mar
Qual é o astro que nos allumia?
Que norte, estrella ou bussola nos guia?
Um olhar de mulher! um terno olhar!

João de Deus.

Ninguem como eu póde comprehender o que ha de verdadeiro n'aquelle verso.

No mar procelloso da mi-nhá existencia só uma bussola me guia, só uma estrella me allumia, só um pharol res-plandecente me indica o por-to do Paraíso.

Essa bussola—essa estrella e esse pharol é um olhar de mulher.

Brunner.

Postaes femininos

A' querida Alice

Quando penso na amisade que nos une jul-go-me feliz, porque vejo que possuo uma coisa bem rara n'este mundo—uma amiga sincera.

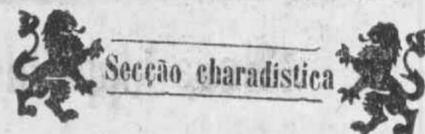
Marietta Gomes.

Infeliz é a mulher que não une o seu destino ao do homem que lhe des-pertou o primeiro amor.

Tulipa.

As virtudes são flo-res mimosas, colhidas no jardim do sacrificio.

Antonia Cezar.



Decifrações do n.º 23

1. Boas noutes, 2. Verdisello
3. glancoma, 4. Frontino, 5. Pe-roneo, 6. Patarata, 7. Diagalho, 8. Arelhana, 9. aspalato, 10. Barro-ca-barroco, 11. Albina-Albino, 12. Paromo paromó, 13. Dica dicaz, 14. adoni adonis, 15. Palco copal, 16. Batuta bata, 17. Pipote, 18. arcabuz, 19. Maria Thereza e 20. Comparso.

Em verso

Aos valentes e distinctos charadistas Re-publica e Joteba

Como aos illustres decifradores Avalio os dotes e primores,
Offreço-lhes um peixe excellente; 2
E como a charada é singela,
E' natural que penetrem n'ella
Como é proprio a um valente.

Navegando, pois, a todo o panno,
Vê-se lá ao longe no oceano
Um linda e ligeira embarcação; -2
E como ella singra toda airosa
Levando umá pedra preciosa
No meio da sua carregação.

Odevesa.

A Perola

Ao inimitavel enigmatista Sertor

Da humildade é emblema 1
O meu tão triste viver...
Que ao sorrir da primavera
Logo, logo vou morrer!...

Só no inverno tristonho
E' que ouso florir,
Porque então as mais flores
Se conservam a dormir.

Em raiando alegre o sol 1
Morre triste envergonhada;
Pela rosa, de lindas folhas 2
Ea seu logo abandonada.

Não tem valor mesmo algum
O meu conceito final
Pois não passa, o pobresinha,
De planta medicinal.

Orchidea.

Em phrase

3 O oceano faz parte da maga,
que não chora, por ser generosa
esta mulher: 1 1 1

Orchidea.

Toda a terra lodosa que tem

louza é alagadiça 2 1

5 Este prefixo quando ha um
dia feriado escolar, já perdeu de
moda 1 3

Barbas de Bagaço

6 A mulher nas esfolhadas ce-
lebra o poema 3 1

7 Porque a Deusa faz prisões 1 2

Oscar d'Alvazil

Ao nosso director A. D. da Silva

8 Venho agora do paço do In-
fante D. Affonso, onde soube que
a D. Amelia está *dannada* com
o sr. Medeiros por este tentar ti-
rar ao *reacionario* bispo de Be-
ja a mitra 1 2

João da Cidade

9 O exercito posto em campo
quando briga em qualquer nava, e
prejudicial para o thesouro pu-
blico 1 1

Freidank

10 Senhor! Elle pede em no-

me do que mais se venera, pois
isso está na obrigação d'aquelle
que fizer uma supplica humilde e
instante 3 1

11 No vinco que os cantos fa-
zem está um namorador ocioso e
vadio 2 3

Rafael d'Altamir,

Elasticas

(ao collega Rei Pum)

12 Não é nada boa a mulher de
Oberon: 1 2

Judith

13 Picante e corrosivo é o in-
credulo 2 3

Pinheiro

Synecopada

14 3-O embuste é proprio do
homem lamecha 2

Freidank.

Invertida por syllabas

15 N'esta cidade hespanhola
ninguem anda bem vestido 2 1

Invertida por letras

16 O rio desagua n'esta ilha
e villa portugueza d'Africa 3

M. Christovão

Diformes

17 Por dissimulação trago um
vestido branco orlado de purpura 3

18 Meu pae tem uma vasilha 2

Rosa Chá.

Typographicos

19 A PEDRA X PARENTA E 1 A
FE' 51

4000 E

Sertor.

20 1000 1000 A 5 L T

Amelia Nogueira

Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA

Rua da Graça

OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, taes como:

Pannos crus, riscados, pannos patentes, morins, o que ha de melhor, ultima novidade em flanelas d'algodão, sephires sefinetas, o que ha de mais chics: cobertores d'algodão, gurdasoes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para a estção de inverno em cazemiras e cheviotes para factos d'homem, colletes de phantzia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «riginal» de *Frister* *Rossmann*, rivalisam com touas as outras. Ha tambem muitos accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

O depositario em Ovar = Americo Peixoto

Machinas de costura

As machinas de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são a mais distinctas que se fabricam na merica.

Unico depositario em Ovar

Ludgero Peixoto



Officina de calçado

de

Manoel Rosas

Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Capintaria e Macenaria

de

José Rodrigues Fanesco

Rua dos Ferradores-Ovar

PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 1

Quinta feira 20 de Janeiro de 1910

N.º (19)-26

Snr _____

At 12/13 - Lugar e quantia de recibo da venda de 100 exemplares
deste jornal nos N.º 257 de 1910 que fica lançada no livro competente
ap. Ovar 1 de Janeiro de 1910.
Com o valor de
F. Nogueira

